

Ecomusicologia: uma introdução

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Karine Aguiar de Sousa Saunier

Universidade Estadual de Campinas – karineassaunier@gmail.com

Suzel Ana Reily

Universidade Estadual de Campinas – suzelreily@gmail.com

Resumo: A Ecomusicologia enquanto uma das mais recentes sub-áreas da (etno)musicologia, tem animado estudos no mundo inteiro acerca da produção de sons musicais em um contexto de crise ambiental. Neste ensaio nos propomos a defini-la articulando a partir de uma revisão teórica, conciliando as reflexões de Aaron Allen (2014), Jeff Todd Titon (2013) e Ana Maria Ochoa Gautier (2016), reafirmando ainda, sua vocação agregadora enquanto um espaço epistemológico interdisciplinar para a pesquisa em música.

Palavras-chave: Ecomusicologia. Sustentabilidade. Natureza. Cultura.

Ecomusicology: Musical sounds, Culture and Nature in a context of Environmental Crisis

Abstract: Ecomusicology as one of the most recent sub-areas of (ethno) musicology, has encouraging worldwide studies on the production of musical sounds in a context of environmental crisis. In this essay, we propose to define it based on a theoretical revision, that conciliates the reflections provided by Aaron Allen (2014), Jeff Todd Titon (2013) and Ana Maria Ochoa Gautier (2016), and to reaffirm its aggregating vocation as an interdisciplinary epistemological place to music research.

Keywords: Ecomusicology. Sustainability. Nature. Culture.

Introdução

A Ecomusicologia, com sua vocação agregadora e inter-poli-transdisciplinar¹, surge como um espaço de inflexão e (re)encontros. Áreas do conhecimento historicamente desenvolvidas em um contexto naturalista têm tido a possibilidade de articular seus *corpus* teóricos e sua práxis aos estudos musicais (e vice-versa) de culturas ocidentais e não-ocidentais dentro deste novo espaço epistemológico, acessando pelo mundo dos sons, novas ontologias que descortinam outras formas de relacionamento entre o ser humano e a natureza.

Este trabalho se propõe a iluminar algumas questões-chave sobre o nascimento do tão recente e promissor campo da Ecomusicologia, compreendendo seus objetos de estudo e, ainda, reafirmando-o enquanto um espaço de articulação definitivo entre o Pensamento Musicológico e o Pensamento Ambiental na pós-modernidade.

Nas próximas páginas, propomos uma reflexão em dois momentos: no primeiro, traçamos um percurso que vai desde a cunhagem e definição do termo “Ecomusicologia” por Aaron Allen na primeira década do século XXI, até a consolidação da disciplina homônima.

No segundo momento, trazemos a problemática do multinaturalismo à luz de Ochoa Gautier (2016) enquanto um dos nós-górdios do pensamento ecomusicológico, uma vez que as noções de natureza variam entre diferentes culturas.

1. A Ecomusicologia: do surgimento do termo à definição enquanto disciplina

Cunhado por Aaron Allen nos primeiros anos deste século, o termo Ecomusicologia se define como o “estudo da música, cultura e natureza em todas as complexidades destes termos” (ALLEN, 2013). Em um contexto acadêmico compartilhado entre as regiões da Escandinávia e da América do Norte, a Ecomusicologia foi concebida oficialmente enquanto um campo no ano de 2007, trazendo em seu *corpus* epistemológico uma articulação entre ecocrítica literária e (etno)musicologia. Jeff Todd Titon (2013) aponta que, tal como a ecocrítica literária surgida em meados da década de 1980 a partir de interpretações de trabalhos literários em que seus autores tratavam de representações da natureza selvagem e bucólica, surgiu a Ecomusicologia, oferecendo tratamento semelhante a obras musicais que enfatizassem questões relacionadas à natureza, crise ambiental e/ou ao movimento ambientalista. Uma década mais tarde, o escopo da ecocrítica literária começou a se abrir para dar ênfase a questões relacionadas à localidade (incluindo subúrbios, cidades e uma literatura do ambiente construído), o que acabou por influenciar as análises nos campos da ecologia acústica e da própria Ecomusicologia, que se voltaram aos mais diversos tipos de paisagens sonoras existentes, incluindo aquelas produzidas em ambientes urbanos. (TITON, 2013, p. 9, tradução nossa)

Aaron Allen (2014) defende que, o sentido abrangente da Ecomusicologia faz dela um termo guarda-chuva implícito, que pode reunir campos que, via de regra, não interagem. E ainda, que a amplitude atribuída ao termo, permite aos estudiosos uma flexibilidade considerável para combinar diversas disciplinas em estudos ecocêntricos de música. Em sua abrangência, a Ecomusicologia também traz discussões que acerca da complexidade e da polissemia que carrega a palavra "natureza", que tanto em língua inglesa quanto em língua portuguesa, quando tem seu estudo associado às palavras "música" e "cultura" (igualmente polissêmicas e complexas), pode levar a muitas abordagens.

Enquanto disciplina, a Ecomusicologia se comporta como um campo “com assuntos relacionados e variando em pressupostos, abordagens e métodos”, uma vez que cria um novo espaço de articulação e reflexão de questões que envolvam os amplos domínios da música e da sustentabilidade. Em 2014, a definição de Ecomusicologia surge como o verbete “Ecomusicology” proposta pelo seu próprio criador no *The Grove Dictionary of American*

Music (Oxford University Press, 2014), considerando questões musicais e sonoras, tanto textuais quanto performativas, relacionadas à ecologia e ao meio ambiente natural. Nesta definição, Aaron Allen aponta o interesse pela ecomusicologia como uma tendência concomitante à crescente preocupação com as questões ambientais na América do Norte desde a década de 1970, que coincide com um período de ecologização da academia, quando estudos ambientais começaram a ganhar força nos campos das ciências da natureza e sociais.

Ainda no verbete que define “Ecomusicologia” (Ecomusicology) no *The Grove Dictionary of American Music* (Oxford University Press, 2014), Allen argumenta que o termo pode ser aplicado a uma variedade diversificada de empreendimentos acadêmicos e artísticos. Em sua explanação sobre o verbete, ele recorda que os primeiros esforços concentrados para conectar seres humanos e mundos humanos e não-humanos vieram de estudos de paisagens sonoras e ecologia acústica. Ele atribui a Murray Schafer, a fundação do campo com o Projeto *World Soundscape* (em 1993, no *World Forum for Acoustic Ecology*), que posteriormente fora ampliado no Canadá e, logo em seguida, para os Estados Unidos, Europa e posteriormente para o resto do mundo, combinando abordagens de composição, design de som e engenharia, acústica, e estudos gerais de música e cultura em um esforço para compreender e gerenciar ambientes sonoros. Neste mesmo movimento ecologistas acústicos e profissionais envolvidos com sonologia e paisagens sonoras, passaram a propor abordagens artísticas e ativistas para representar o mundo ao seu redor e fomentar a conscientização sobre questões como desenvolvimento urbano, poluição da água, perda auditiva e poluição sonora. Allen menciona o campo da biomúsica como também sendo outro campo interdisciplinar, no qual cientistas de áreas diversas vêm colaborando com (etno)musicólogos no desenvolvimento de estudos a respeito de mundos sonoros não-humanos (vocalizações de pássaros, de baleias etc), em relação à evolução humana e musicalidade.

Questões envolvendo localidade também têm animado as discussões no campo da Ecomusicologia, sendo o estudo da acustemologia Kaluli desenvolvido por Steven Feld em Papua Nova Guiné um exemplo clássico desta orientação. Neste sentido, Allen defende que etnomusicólogos tendem a criar interfaces entre produção de sons e localidades, o que também aproxima estas reflexões de uma dimensão um tanto mais política e crítica, extrapolando abordagens que se limitariam a apenas descrever e interpretar fenômenos musicais.

Allen também sinaliza que estudos ecomusicológicos que têm buscado “considerar sistemas, tradições, percepções e composições musicais humanas”, incluindo “estudos de influência, mimesis e / ou referência do ambiente natural usando meios textuais, sonoros e /

ou extra-musicais”, vieram principalmente dos campos da etnomusicologia e da musicologia histórica. E, não por acaso, instituições como a Society for Ethnomusicology e a American Musicological Society estabeleceram o Ecomusicology Special Interest Group (2011) e o Ecocriticism Study Group (2007), respectivamente. Este último, aliás, mantém um consistente acervo sobre as recentes produções intelectuais relacionadas ao tema da Ecomusicologia através do portal Ecomusicology² na *internet*. Ele conclui que “a ecomusicologia pode oferecer novas abordagens para confrontar os velhos problemas na música e na cultura através de projetos de pesquisa socialmente comprometidos, que os conectem com preocupações ambientais”. (ALLEN, 2014)

Outros autores como Jeff Todd Titon (2013) e Ana María Ochoa Gautier (2016), também têm se ocupado das reflexões sobre a Ecomusicologia. Em seus esforços, Titon (2013) procurou definir a Ecomusicologia como um novo campo que propõe uma combinação da ecocrítica com a (etno) musicologia, viabilizando assim, o estudo da música, da cultura, dos sons e da natureza em um contexto de crise ambiental. Titon reconheceu em sua tentativa de definir o campo da Ecomusicologia, a problemática conceitual em torno da noção de “música”. Diante disto, se preocupou em considerar que a definição de música (tal como concebemos) seja um caminho um tanto estreito e limitante para abarcar estas questões de tamanha complexidade envolvendo a própria produção de sons musicais articuladas a questões de caráter ecológico, especialmente pelo fato de que, nem todos os grupos humanos entendem ou classificam sons musicais pela terminologia “música” e, sobretudo porque alguns destes grupos provavelmente nem possuam ou compreendam esta terminologia em seus domínios linguísticos.

Por esta razão, Jeff Todd Titon sugere uma abertura mais generosa a uma reflexão que privilegia todos os tipos de sons, incluindo a (nossa) própria noção do que seja música. Em suas reflexões acerca de uma interface entre som, natureza e cultura, Titon ainda inclui outras duas categorias oriundas do campo das ciências do meio ambiente e da economia do desenvolvimento: resiliência³ e sustentabilidade⁴. Sobre a noção de sustentabilidade à qual se refere, buscou sinalizá-la como um discurso pautado no ambientalismo como um problema que perpassa os domínios da ética, da política e da tecnologia e, sem esquecer-se da própria noção de natureza presente no tema, buscando “examinar como as ideias da natureza estão inseridas na cultura, como a ciência constrói a natureza e como a racionalidade econômica constrói o meio ambiente” (TITON, 2013, p. 8).

Nesta perspectiva, Titon aponta que, uma vez que a Ecomusicologia está entrelaçada com a ideia de natureza e, para reflexões acerca deste evidente entrelaçamento, seria mais

apropriado considerar os discursos acerca da sustentabilidade ligados às dimensões ecológica (ou ambiental) e econômica. Em suas reflexões sobre os estudos realizados dentro de uma perspectiva ecomusicológica nos últimos cinco anos, ele também concluiu que os ecomusicólogos têm construído uma aproximação entre música e natureza, a partir de duas perspectivas: 1) a própria música como representação da natureza; e, 2) como a música interage com a natureza¹. Sobre esta primeira perspectiva, tem-se uma dimensão de análise voltada ao campo da ecocrítica (em sua ramificação literária, de representação do ambiente através de um discurso literário) ou propriamente musical, quando se propõem a analisar questões voltadas à problemática musical/sonora (paisagens sonoras etc), com pautas voltadas à agenda ambiental e refletidas de forma bastante sutil, quando não, implícita. Sobre esta segunda perspectiva, recaem temáticas voltadas a um impacto direto das músicas em questões ambientais, abordando temas que articulam música e ação social, justiça ambiental, bem como, a criação de projetos de lei para promoção do desenvolvimento sustentável, além do estudo ecológico de paisagens sonoras, por exemplo. Por hora, considerando o fato de que a Ecomusicologia é um campo tão jovem e, por isso, apresenta um objeto (ou alvo) ainda em movimento, Tilton propõe que a melhor forma de defini-lo seria não necessariamente, ocupando-se dos próprios objetos de pesquisa em si para caracterizá-lo, mas de quais assuntos, pressupostos e no que, de fato, consistem esses objetos de pesquisa.

2. O problema do multinaturalismo

Em seus esforços para localizar o que seria a Ecomusicologia enquanto uma sub-área da Etnomusicologia e, também, uma disciplina, Tilton percebeu ao longo dos trabalhos de pesquisa com os quais pôde se deparar que, os ecomusicólogos ainda não haviam problematizado uma das categorias críticas para a constituição deste novo lugar epistemológico e interdisciplinar: a natureza. Neste sentido, Ana Maria Ochôa Gautier discute a noção de natureza e questões sonoras, em seu ensaio *Acoustic Multinaturalism, the Value of Nature, and the Nature of Music in Ecomusicology* (Duke University Press, 2016), onde busca explicar “como a Ecomusicologia articulou questões de som / música e natureza, e os valores que se uniram em torno do surgimento desta disciplina”. Em sua reflexão, a autora considera significativo que embora o problema do meio ambiente em muitos campos das ciências sociais e das humanidades tenha questionado a ideia da natureza e as implicações deste para reformular as políticas de crítica dentro das próprias disciplinas (como é o caso com a filosofia e a antropologia, por exemplo), a Ecomusicologia, pelo contrário, anuncia seu surgimento como um novo campo musical abrangente alimentado pelo recurso à noção de

natureza. Ela destaca que, em vez de assumir o colapso da distinção entre "as ordens cosmológicas e antropológicas", a Ecomusicologia, até agora, tende a reafirmar essa distinção, mesmo quando critica a separação entre "Homem e Natureza". E argumenta que essa afirmação tem se baseado, em grande parte, nos valores atribuídos a som e música, bem como, a diferentes práticas disciplinares musicológicas que são herdadas da genealogia das disciplinas musicais. (OCHOA GAUTIER, 2016, p. 109, tradução nossa)

Em sua análise acerca da literatura produzida em termos de Ecomusicologia, Ochoa Gautier (2016) propõe um interessante contraste com a acustemologia de Steven Feld⁵, à qual considera como uma tradição que “sugere um ponto de entrada diferente na problemática do som / música, do antropológico e do cosmológico”. Este ponto de entrada alternativo, como ela mesma chama, é fundamental para articular o que ela propõe ser um multinaturalismo acústico. Na primeira seção de seu ensaio, em que trata das implicações para nomear o campo, argumenta que, ao invés de definir a Ecomusicologia, prefere “explorar como o surgimento do campo operacionaliza uma série de problemáticas através da modalidade de nomeação”. (OCHOA GAUTIER, 2016, p. 109)

No seu esforço para abranger abordagens diversas da questão do som / música e do meio ambiente, e através da articulação particular da música, da natureza e da cultura, a ecomusicologia tende a reafirmar um ethos multiculturalista - isto é, um ethos que explica todas as formas de diversidade sob um único guarda-chuva epistemológico, os conceitos de "natureza" e "cultura". Ao invés de inquietar a divisão entre as ordens cosmológicas e antropológicas, isto é, perturbando os fundamentos ontológicos da "natureza" e da "cultura" procura estabelecer um holismo musicológico em uma base disciplinar que considera esses termos. O que emerge é um modo de nomeação que define os termos da polêmica a priori e, ao fazê-lo, apaga diferentes histórias enquadrando a problemática da "natureza" na música. Mas um breve olhar sobre diferentes trajetórias de pensamento sobre som / música, natureza e cultura nos mostra que estes não foram necessariamente termos incontestáveis. (OCHOA GAUTIER, p. 110-111, tradução nossa)

Em seu célebre ensaio, ela ainda pontua que os estudiosos da Ecomusicologia têm observado que “as questões relativas à natureza e à música não são novas e têm sido fundamentais para o desenvolvimento da teoria da música ocidental, para o surgimento de estudos sólidos e para a etnomusicologia”. A novidade, em sua visão, seria a sensação de urgência que as questões ambientais adquirem hoje e que motivam essa articulação entre sons musicais e natureza. Recorrendo a Alexander Rehding, ela menciona que, as questões ambientais estão para a musicologia no século XXI, tal como a psicanálise esteve para a trajetória do pensamento científico no século XX. As questões ambientais emergem, então, como centrais para o campo em relação a um senso de crise e, por isso, a Ecomusicologia "pode representar uma saída genuína da prática musicológica geral: enquanto temas e metodologias ainda estão em fluxo, o campo deriva grande parte de sua relevância e

atualidade de um senso de urgência e de uma inclinação inerente para a consciência - criação, práxis (no sentido marxista) e ativismo "como" marcas distintivas em uma disciplina que muitas vezes reluta em assumir compromissos políticos". E conclui em concordância com Rehding pontuando que "o problema crítico com o qual a Ecomusicologia terá que lutar é como implementar esse senso de crise" e "a tarefa do futuro imediato é para a Ecomusicologia não só para aprimorar suas perguntas orientadoras, mas também desenvolver suas inclinações políticas e definir a natureza das tarefas que busca prosseguir ". (OCHOA GAUTIER, 2016, p. 113-114, tradução nossa)

Considerações finais

A discussão acerca da Ecomusicologia e seus pressupostos teórico-metodológicos é tão nova quanto o seu surgimento. A crescente preocupação com a causa ambiental em dimensão planetária tem estimulado cada vez mais a produção de trabalhos em caráter ecomusicológico, que se ocupam da produção de sons musicais em um contexto de crise ambiental – posicionando a Ecomusicologia como um campo de reflexão cada vez mais autônomo e, não mais apenas como uma subárea da Etnomusicologia.

Este ensaio surge como uma iniciação ao pensamento ecomusicológico, sendo também um pequeno apanhado do que temos produzido em termos de referencial teórico para nossa tese de doutoramento, que consiste em um estudo ecomusicológico acerca de culturas musicais na região do Baixo Amazonas. Esperamos que, com o andamento de nossas pesquisas, possamos trazer contribuições mais consistentes a este campo de conhecimento em expansão e, por assim dizer, estimular que outros pesquisadores brasileiros possam se engajar nesta nova abordagem inter-poli-transdisciplinar do pensamento musical.

Referências

- ALLEN, Aaron S. "Ecomusicology". *The Grove Dictionary for American Music*. New York: Oxford University Press, 2014.
- GAUTIER, Ana María Ochoa. Acoustic Multinaturalism, the Value of Nature, and the Nature of Music in Ecomusicology. *Boundary 2* 43:1 (2016). Duke University Press.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- PEDELTY, Mark. *Ecomusicology: rock, folk and the environment*. Chicago: Temple University Press, 2012.

SAUNIER, Karine Aguiar de Sousa. Não mate a mata: visões ambientais precursoras na obra musical de Adelson Santos. 2017. 243 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

TITON, Jeff Todd. *Economy, Ecology, and Music: An Introduction*. The World of Music, Vol. 51, No. 1, Music and Sustainability (2009), pp. 5-15. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41699860>>

TITON, Jeff Todd. The nature of ecomusicology. *Música e Cultura: revista da ABET*, vol. 8, n. 1, p. 8-18, 2013. Disponível em: <<http://musicaecultura.abetmusica.org.br/>>

TITON, Jeff Todd. *The Oxford handbook of applied Ethnomusicology*. Oxford University Press, 2015.

Notas

¹ Edgar Morin, com esta terminologia defende que, “é preciso ecologizar as disciplinas”, levando em consideração tudo aquilo que lhes é contextual, “inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se”. Com isto, se ultrapassa a ideia de inter e de transdisciplinaridade, fazendo-se necessária a metadisciplinaridade, ultrapassando os limites construídos pela racionalidade científica tecnicista e, ao mesmo tempo, respeitando aquilo que as disciplinas produziram em termos de conhecimento. Morin acredita que “Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada”. (MORIN, 2003, p. 115)

² Vide: <http://www.ecomusicology.info/>

³ A resiliência refere-se à capacidade de um sistema para recuperar e manter sua integridade, identidade e continuidade quando submetido a forças de perturbação e mudança. Na medida em que as culturas musicais são sistemas, elas também apresentam resiliência em maior ou menor grau. Sistemas flexíveis compartilham certas características. Identificar o que torna a cultura da música vulnerável, o que a torna resiliente e a melhoria dos antigos, ao mesmo tempo que fortalece isso, tornase, portanto, uma estratégia prática para melhorar a sustentabilidade da cultura musical. A resiliência não significa simplesmente "aprender a viver com isso", como ideia que se costuma atribuir ao termo erroneamente. Nem significa estar em uma posição defensiva. Em vez disso, a resiliência implica uma maneira de gerenciar perturbações e mudanças e orientar o resultado para um final desejável. (TITON, 2015, p. 158, tradução nossa)

⁴ Na etnomusicologia aplicada, a sustentabilidade não faz referência direta à energia verde ou à economia do desenvolvimento, embora possa envolvê-los. Em vez disso, ele se refere à capacidade de uma cultura musical para manter e desenvolver sua música agora e no futuro previsível. Os etnomusicólogos da atualidade, como no passado, muitas vezes tentam ajudar músicos e suas comunidades a sustentar suas atividades musicais. A sustentabilidade é um termo relativamente novo para os etnomusicólogos, mas muitas idéias relacionadas à sustentabilidade têm estado conosco há décadas: documentação, arquivamento e preservação; conservação, salvaguarda, revitalização e renovação. (TITON, 2015, p. 158, tradução nossa)

⁵ FELD, Steven. *Sound and Sentiment: birds, weeping, poetics and song in Kaluli expression*. Duke University Press, 1982.